

constituição interna totalmente diferente da nossa. Mas que razões temos para pensar que somente as coisas que se comportam mais ou menos como nós, e que têm uma estrutura física observável mais ou menos como a nossa, são capazes de ter *algum* tipo de experiência? Talvez as árvores sintam as coisas de um modo totalmente diferente do nosso, mas não podemos saber, pois, no caso delas, não temos como descobrir as correlações entre experiência e manifestações observáveis, ou condições físicas. Só poderíamos descobrir essas correlações se observássemos ao mesmo tempo as experiências e as manifestações externas, mas não há como observar as experiências diretamente, a não ser em nós mesmos. Pela mesma razão, não seria possível observar a *ausência* de experiência e, conseqüentemente, a ausência de tais correlações, em nenhum outro caso. Não se pode olhar dentro de uma árvore para dizer que ela *não* tem experiência, da mesma forma que não se pode olhar dentro de um verme para dizer que ele *tem* experiência.

Então, a questão é: o que você realmente sabe sobre a vida consciente neste mundo, além do fato de que você tem uma mente consciente? É possível que haja bem menos vida consciente do que você supõe (nenhuma a não ser a sua), ou bem mais do que poderia imaginar (até mesmo nas coisas que presume serem inconscientes)?

## O problema mente-corpo

Esqueçamos o ceticismo e admitamos que o mundo físico existe, até mesmo seu corpo e cérebro; e deixemos de lado nosso ceticismo quanto à existência de outras mentes. Admito que você é consciente, se você admitir que eu também sou. Ora, qual pode ser a relação entre a consciência e o cérebro?

Todos sabem que o que acontece na consciência depende do que acontece ao corpo. Se você der uma topada com o dedo do pé, ele irá doer. Se você fechar os olhos, não poderá ver o que há na sua frente. Se morder uma barra de chocolate, sentirá o sabor do chocolate. Se alguém der uma pancada na sua cabeça, você poderá desmaiar.

Ao que tudo indica, para que alguma coisa aconteça em sua mente ou consciência, é preciso que algo aconteça no seu cérebro. (Você não sentiria dor ao bater o dedão se os nervos que correm por sua perna e coluna não transmitis-

sem impulsos do dedo ao cérebro.) Não sabemos o que se passa no cérebro quando você pensa: “Será que vou ter tempo de cortar o cabelo hoje à tarde?” Mas temos certeza de que algo acontece – alguma coisa que envolva alterações químicas e elétricas nos bilhões de células nervosas que compõem o seu cérebro.

Em alguns casos, sabemos de que maneira o cérebro afeta a mente e de que maneira a mente afeta o cérebro. Sabemos, por exemplo, que certas células cerebrais próximas da nuca, quando recebem determinado estímulo, produzem experiências visuais. E sabemos que, quando você decide servir-se de mais um pedaço de bolo, certas outras células cerebrais enviam impulsos aos músculos do seu braço. Desconhecemos muitos dos detalhes, mas é evidente que existem relações complexas entre o que acontece na sua mente e os processos físicos que se desencadeiam no seu cérebro. Até aqui, tudo o que foi dito é assunto da ciência, não da filosofia.

Mas há também uma indagação filosófica sobre a relação entre mente e cérebro, que é a seguinte: a mente é diferente do cérebro, embora esteja vinculada a ele, ou ela *é* o cérebro? Seus pensamentos, sentimentos, percepções, sensações e desejos são coisas que acontecem *além* de todos os processos físicos que ocorrem no seu cérebro, ou são, elas próprias, alguns desses processos físicos?

O que acontece, por exemplo, quando você morde uma barra de chocolate? O chocolate derrete na sua língua e produz alterações químicas nas suas papilas gustativas; as papilas gustativas enviam impulsos elétricos pelos nervos que ligam a língua ao cérebro e, quando esses impulsos chegam ao cérebro, produzem ali mais alterações físicas; e, finalmente, *você sente o gosto do chocolate*. O que é *isso*? *Seria* uma simples ocorrência física em alguns dos seus neurônios, ou será algo completamente diferente?

Se um cientista retirasse a tampa do seu crânio e olhasse o interior do seu cérebro enquanto você come a barra de chocolate, a única coisa que ele veria é uma massa cinzenta de neurônios. Se ele usasse instrumentos para medir o que acontece ali dentro, detectaria vários processos físicos diferentes e complexos. Mas encontraria o sabor do chocolate?

Ao que parece, ele não o encontraria no seu cérebro, porque sua experiência de saborear o chocolate está de tal forma trancada dentro da sua mente, que não pode ser observada por ninguém – mesmo que ele abra seu crânio e examine dentro do seu cérebro. Suas experiências estão no interior da sua mente com um *tipo de interioridade* que é diferente do modo como seu cérebro está no interior da sua cabeça. Uma outra pessoa pode abrir sua cabeça e observar o que

há dentro dela, mas não pode abrir sua mente e examiná-la – não dessa forma pelo menos.

Não é só que o gosto do chocolate é um sabor e, portanto, não pode ser visto. Imagine um cientista muito louco que, para tentar observar sua experiência de saborear o chocolate, *lambesse* seu cérebro enquanto você estivesse comendo uma barra de chocolate. Em primeiro lugar, seu cérebro provavelmente não teria para ele o gosto de chocolate. Mas, mesmo que tivesse, ele não teria conseguido entrar na sua mente e observar a *sua* experiência de provar chocolate. A única coisa que ele teria descoberto, de modo bastante bizarro, é que, quando você sente o gosto do chocolate, seu cérebro se altera e passa a ter gosto de chocolate para as outras pessoas. Ele teria a experiência dele do chocolate, e você, a sua.

Se o que acontece na sua experiência está no interior da sua mente de um jeito diferente do que acontece no seu cérebro, parece então que as suas experiências, bem como seus diferentes estados de espírito, não podem ser meros estados físicos do cérebro. Você deve ser algo mais do que um corpo dotado de um buliçoso sistema nervoso.

Uma conclusão possível é que deve haver uma alma ligada ao corpo, de tal forma que ambos possam interagir. Se isso é verdade, então você é constituído de duas coisas muito diferen-

tes: um organismo físico complexo e uma alma puramente mental. (Essa visão é chamada de dualismo, por razões óbvias.)

Muitas pessoas, porém, acham que a crença na alma é ultrapassada e não científica. Tudo o que existe no mundo é feito de matéria física – diferentes combinações dos mesmos elementos químicos. Por que não seria assim conosco também? Mediante um complexo processo físico, nosso corpo se desenvolve a partir da única célula produzida pela união do espermatozóide com o óvulo, no momento da concepção. Aos poucos, matéria comum vai sendo adicionada, de tal forma que a célula se torna um bebê, com braços, pernas, olhos, orelhas e cérebro, capaz de se mover, sentir, ver e, finalmente, falar e pensar. Algumas pessoas acreditam que esse sofisticado sistema físico é suficiente, por si só, para fazer surgir a vida mental. Por que não deveria? Seja como for, como um simples argumento filosófico pode demonstrar que não é assim? Se a filosofia não pode nos dizer do que são feitas as estrelas e os diamantes, como poderá nos dizer do que são feitos ou não são feitos os seres humanos?

A opinião de que as pessoas não passam de matéria física, e que seus estados de espírito são estados físicos cerebrais, é denominada fisicalismo (ou, às vezes, materialismo). Os fisicalistas não têm uma teoria específica sobre qual pro-

cesso cerebral pode ser identificado com a experiência de saborear chocolate, por exemplo. Mas acreditam que os estados de espírito *são* apenas estados do cérebro, e que não há nenhuma razão filosófica para pensar que não sejam. Os detalhes terão de ser descobertos pela ciência.

A idéia é que podemos descobrir que as experiências são, na verdade, processos cerebrais, tal como descobrimos que outras coisas conhecidas têm uma natureza real que não poderíamos ter adivinhado, até que foi revelada pela investigação científica. Por exemplo, os diamantes são compostos de carbono, o mesmo material do carvão – só que os átomos se combinam de maneira diferente num e noutro. E a água, como sabemos, é formada de hidrogênio e oxigênio, embora nenhum desses elementos, quando isolados, em nada se assemelhe com a água.

Portanto, embora pareça surpreendente que a experiência de saborear chocolate não seja, talvez, mais do que uma complexa ocorrência física no cérebro, isso não seria mais estranho que as muitas coisas que se descobriram sobre a verdadeira natureza de objetos e processos comuns. Os cientistas descobriram o que é a luz, como as plantas crescem, como os músculos se movem – é apenas uma questão de tempo para que descubram a natureza biológica da mente. É nisso que os fisicalistas acreditam.

Um dualista retrucaria que essas outras coisas são diferentes. Quando investigamos a composição química da água, por exemplo, estamos lidando com algo que pertence claramente ao mundo físico – algo que podemos ver e tocar. Quando descobrimos que ela é feita de átomos de hidrogênio e oxigênio, estamos apenas decompondo uma substância física externa em partes físicas menores. Uma característica essencial desse tipo de análise é que *não* se trata de uma decomposição química do modo como *vemos*, *sentimos* e *saboreamos* a água. Essas coisas acontecem na nossa experiência interna, não na água que foi decomposta em átomos. A análise física ou química da água desconsidera essas experiências.

Para descobrir se a experiência que tivemos do sabor do chocolate foi, de fato, apenas um processo cerebral, teríamos de analisar alguma coisa mental – não uma substância física observável externamente, mas uma sensação de sabor interna – em termos das partes físicas. E, por mais complexas e numerosas que sejam as ocorrências físicas no cérebro, elas não poderiam ser as partes que compõem a sensação do gosto. Um todo físico pode ser analisado em partes físicas menores, mas um processo mental, não. Não é possível somar partes físicas para obter um todo mental.

Há uma outra visão que difere tanto do dualismo quanto do fisicalismo. O dualismo afirma que somos constituídos de um corpo e uma alma, e que nossa vida mental tem lugar em nossa alma. O fisicalismo sustenta que a vida mental consiste em processos físicos que se desenrolam no cérebro. Outra possibilidade, contudo, é a de que a vida mental ocorra no cérebro, ainda que todas essas experiências, sentimentos, pensamentos e desejos não sejam processos *físicos* do cérebro. Isso significaria que a massa cinzenta dos bilhões de células nervosas dentro do seu crânio *não é apenas um objeto físico*. Embora tenha muitas propriedades físicas – uma grande quantidade de atividade química e elétrica –, ali também ocorrem processos *mentais*.

A concepção de que o cérebro é a sede da consciência, mas que seus estados conscientes não são meros estados físicos, é chamada de teoria do aspecto dual. É assim chamada porque, quando você morde uma barra de chocolate, produz-se no seu cérebro um estado ou processo com dois aspectos: um aspecto físico, envolvendo várias alterações químicas e elétricas, e um aspecto mental – a experiência do sabor de chocolate. Quando esse processo ocorre, um cientista, ao examinar seu cérebro, poderá observar o aspecto físico, mas é você, internamente, que passará pelo aspecto mental: você é que vai experimentar a sensação de saborear o chocolate.

Sendo assim, seu cérebro teria um interior que não poderia ser alcançado por um observador externo, mesmo que ele o abrisse ao meio. Esse processo que ocorre no seu cérebro produziria em você um certo tipo de sensação ou gosto.

Poderíamos expressar essa idéia ao dizer que você é apenas corpo, não corpo e alma, mas seu corpo, ou pelo menos seu cérebro, não é somente um sistema físico. É um objeto com aspectos físicos e mentais: pode ser dissecado, mas tem um tipo de interior que a dissecação não pode revelar. Se existe algo dentro que parece saborear o chocolate, é porque existe algo dentro que parece colocar seu cérebro na condição que se produz quando você come chocolate.

Para os fisicalistas, a única coisa que existe é o mundo físico, que pode ser estudado pela ciência: o mundo da realidade objetiva. Por isso, eles precisam encontrar um lugar nesse mundo para alojar os sentimentos, desejos, pensamentos e experiências – um lugar para você e para mim.

Uma das teorias apresentadas em defesa do fisicalismo é a de que a natureza mental de nossos estados de espírito consiste na relação desses estados com as coisas que os causam e com as coisas que eles causam. Por exemplo, quando você machuca o dedo e sente dor, a dor é algo que acontece no seu cérebro. Mas o que a faz ser dor não é apenas a soma das características físicas do cérebro, e tampouco se trata de algu-

ma misteriosa propriedade não física. Ao contrário, a dor é o tipo de estado que se produz no seu cérebro toda vez que você se machuca, e que geralmente o faz gritar e pular e evitar a coisa que o machucou. E esse estado poderia ser puramente físico.

Mas isso não parece ser suficiente para que algo seja doloroso. É certo que as dores são causadas por ferimentos e que elas nos fazem pular e gritar. Mas também são *sentidas* de uma certa maneira, o que parece ser algo diferente de todas as relações que têm com causas e efeitos e de todas as propriedades físicas que possam ter – se é que, de fato, são ocorrências cerebrais. Pessoalmente acredito que esse aspecto interno da dor e de outras experiências conscientes não pode ser adequadamente analisado em termos de nenhum sistema de relações causais com estímulos e comportamentos físicos, por mais complexos que sejam.

Parece haver dois tipos muito distintos de coisas que acontecem no mundo: as coisas que pertencem à realidade física, que muitas pessoas podem observar de fora, e as coisas que pertencem à realidade mental, que cada um de nós experimenta interna e individualmente. E isso é verdade não somente para os seres humanos: cachorros, gatos, cavalos e pássaros parecem ser conscientes, e é provável que também os pei-

xes, as formigas e os besouros. Quem sabe onde isso acaba?

Nossa concepção geral do mundo será insuficiente até que possamos explicar de que modo os elementos físicos, quando combinados da maneira certa, formam não apenas um organismo biológico funcional, mas também um ser consciente. Se a própria consciência pudesse ser identificada com algum tipo de estado físico, estaria aberto o caminho para uma teoria unificada da mente e do corpo e assim, talvez, para uma teoria unificada do universo. Mas as razões contrárias a uma teoria puramente física da consciência são bastante fortes para nos fazer duvidar de que seria possível uma teoria física da realidade total. A ciência física avançou deixando a mente de fora daquilo que tenta explicar, mas pode ser que haja mais sobre o mundo do que a ciência física é capaz de entender.

Uma breve introdução  
à filosofia

Thomas Nagel

Tradução  
SILVANA VIEIRA

**Martins Fontes**  
São Paulo 2001